



ANALISANDO OBRAS DE ARTES VISUAIS PELA VIA DO PÓS-COLONIALISMO

Walace Rodrigues¹

Resumo

Este artigo nasce das observações a partir de aulas de Arte e Educação em um nono (9º) período de Licenciatura em Pedagogia e objetiva refletir sobre os benefícios de se tomar obras de arte como objeto de discussão crítica. Como questão de estudo temos: Através da análise pós-colonial de trabalhos de artes visuais, como compreender situações ligadas à escravidão dos negros e refletir sobre as repercussões pós-escravidão? Nesta reflexão utilizamo-nos as obras da norte-americana Kara Walker e de dois filmes. O filme brasileiro “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil” ajudou-nos a compreender a situação colonial brasileira. Em vista a uma perspectiva de análise crítica das obras, os trabalhos de Kara Walker nos levam a pensar sobre as várias formas de agressão contra o feminino, assim como o filme “A cor púrpura”. Tal filme nos permitiu compreender as várias situações de submissão de mulheres negras após o fim “oficial” da escravidão.

Palavras-chave: Corpos negros. Obras de arte. Pós-colonialismo. Kara Walker. Escravidão. Arte-educação.

ANALYSING WORKS OF VISUAL ARTS VIA POSTCOLONIALISM

Abstract

This article arises from observations from Art Education classes in a ninth (9th) period in Pedagogy graduate degree and aims to reflect on the benefits of taking artworks as object of critical discussion. As study question we have: Through the postcolonial analysis of visual artworks, how to understand situations linked to the slavery of blacks and reflect on the post-slavery situations? In this thinking exercise we use the artworks of American artist Kara Walker and two films. The Brazilian movie “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil” helped us to understand the colonial situation in Brazil. Given the perspective of critical analysis of the works, Kara Walker's work leads us to think about the various forms of aggression against women, as in the movie "The Color Purple". This film allowed us to understand the various submission situations of black women after the "official" end of slavery.

KEYWORDS: Black bodies. Art works. Postcolonialism. Kara Walker. Slavery. Art-education.

ANALIZANDO TRABAJOS DE ARTES VISUALES PELA VÍA DEL POSCOLONIALISMO

Resumen

Este artículo surge de observaciones de clases de arte y educación en un noveno (9º) período de Licenciatura en Pedagogía y reflexiona sobre los beneficios de tomar como obras de arte como objetos de discusión crítica. Como cuestión de estudio tenemos: A través del análisis poscolonial de obras de artes

¹ Doutor em Humanidades. Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

visuales, como entender las situaciones vinculadas a la esclavitud de los negros y reflexionar sobre el impacto posterior a la esclavitud? En este ejercicio de reflexiones utilizamos obras de arte de la artista estadounidense Kara Walker y de dos películas. La película brasileña "Carlota Joaquina, Princesa de Brasil" nos ha ayudado a entender la situación colonial de Brasil. Teniendo en cuenta la perspectiva de análisis crítico de las obras, los trabajos de Kara Walker nos llevan a pensar acerca de las diversas formas de agresión contra las mujeres, así como la película "El color púrpura". Esta película nos permitió comprender las distintas situaciones de presentación de las mujeres negras después del final de "oficial " de la esclavitud.

Palabras-clave: Cuerpos negros. Obras de arte. Poscolonialismo. Kara Walker. Esclavitud. Educación artística.

INTRODUÇÃO

Durante as aulas da disciplina de Arte e Educação que ministramos para uma turma de nono (9º) período do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Tocantinópolis, buscou-se uma aproximação do entendimento do conceito de pós-colonialismo que pode ser visto no artigo da arte-educadora Ana Mae Barbosa intitulado “Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular”, de 1995.

Neste artigo, a autora busca mostrar como chegou à sua conhecida metodologia que recebeu o nome de Aprendizagem Triangular, uma metodologia muito utilizada no campo da arte-educação e pensada por ela para a realidade específica do Brasil, onde existem poucas instituições de arte fora dos grandes centros urbanos.

Assim, através de uma análise historiográfica da formação da cultura brasileira, Ana Mae Barbosa busca, através de uma via pós-colonialista de desconstrução e reformulação dos métodos empregados no ensino das artes plásticas no Brasil, explicitar, historicamente, os caminhos do ensino da arte em nosso país.

Utilizamos-nos do filme brasileiro “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil” para mostrar as condições de vida no Brasil colônia. A dependência portuguesa do trabalho escravo dos negros (retirados a força das colônias africanas) no Brasil fica visível em tal filme. Daí que este filme nos ajuda a situar historicamente nossas discussões.

Ainda, a utilização do filme norte-americano “A cor púrpura” e das obras de Kara Walker acompanham a reflexão pós-colonialista de Ana Mae Barbosa e tentam fazer-nos pensar sobre as relações destes trabalhos artísticos em paralelo com a realidade brasileira escravista e pós-escravatura e sobre as relações étnico-raciais nas artes visuais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para melhor começar a discussão e esclarecer o que é o pós-colonialismo enquanto forma de análise cultural, colocamos aqui uma passagem de Marita Sturken e Lisa Cartwright (2005) sobre o que é esta teoria e o que ela abarca:

Pós-colonialismo Um termo que se refere ao contexto cultural e social de países que foram formalmente definidos nas relações de colonialismo (ambos colonizado e colonizador), na mistura contemporânea de antigas colônias, neocolonialismo, e no colonialismo que persiste. O termo “pós-colonial” se refere a um vasto número de mudanças que têm afetado esses países e, em particular, às misturas de identidades, línguas e influências que têm resultado de sistemas complexos de dependência e independência. Contextos pós-coloniais, assim sendo, podem ser identificados nas antigas colônias da Inglaterra como, também, dentro da própria Inglaterra. A maioria dos teóricos do pós-colonialismo insiste que a quebra do antigo modelo colonial nunca foi completado, e que não coloca um fim às formas de dominação entre países mais ou menos poderosos. (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 362, tradução nossa).

Neste viés pós-colonialista, começamos o trabalho com os estudantes apresentando, após a leitura do texto de Ana Mae Barbosa, o filme cômico intitulado “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil”, de 1995, dirigido por Carla Camurati. Apesar de todas as falhas históricas¹ do filme, ele deixa ver, de maneira satírica, como aconteceu a viagem da corte portuguesa para o Brasil em 1807, a situação da colônia na época e a escravidão que aqui imperava.

Este filme em si representa um momento marcante do cinema brasileiro, pois é o primeiro filme da época chamada “retomada”, onde filmes, geralmente cômicos e de baixo custo, chegaram a um imenso público nacional. Utilizo aqui uma passagem de Carla Camurati no livro “O cinema brasileiro no século XX” sobre o financiamento do filme e sobre as leis de incentivo à cultura:

O “Carlota Joaquina” não tem lei nenhuma, foi absolutamente patrocinado com dinheiro de marketing das empresas. É engraçado que, apesar de ter sido pouco dinheiro, foi uma atitude super corajosa das empresas, porque era um momento em que não se estava investindo em cinema. Ele está associado à retomada do cinema brasileiro, muito mais pela reação dele com o público. O legal é que seu sucesso comprova que uma empresa pode investir, num filme que pode ser eterno, dinheiro que seria jogado num anúncio de revista semanal. (CARMURATI apud NICOLAS, 2004, p. 137).

1. Temos que lembrar que uma obra fílmica é uma representação e, portanto, carrega sentidos próprios dados na confecção de tal obra. Tal filme não busca a verdade científica dos fatos históricos, mas joga com eles, como no caso da escolha em colocar Dom Pedro I no meio do povo e mostrando-se a favor da independência. Na realidade, tudo não passou de um “arranjo diplomático”.

O uso do filme “Carlota Joaquina” em relação ao texto “Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular” de Ana Mae Barbosa foi a chave para começar as relações entre obras cinematográficas e visuais. As relações significantes analisadas entre texto e filme davam base a uma análise da cultura brasileira através das artes, deixando ver a sociedade escravocrata brasileira da época, uma sociedade baseada no trabalho dos negros. Wlamyra Albuquerque (2006) nos deixa ver a importância do trabalho escravo durante o Brasil colônia:

Por mais de trezentos anos a maior parte da riqueza produzida, consumida no Brasil ou exportada foi fruto da exploração do trabalho escravo. As mãos escravas extraíram ouro e diamantes das minas, plantaram e colheram cana, café, cacau, algodão e outros produtos tropicais de exportação. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, na criação de gado, na produção de charque, nos ofícios manuais e nos serviços domésticos. Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte de objetos e pessoas e constituíam a mão-de-obra mais numerosa empregada na construção de casas, pontes, fábricas, estradas e diversos serviços urbanos. Eram também os responsáveis pela distribuição de alimentos, como vendedores ambulantes e quitadeiras que povoaram as ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 65).



Figura 1 – Uma das imagens finais do filme “Carlota Joaquina: Princesa do Brasil”, de 1995.

Como nos diz Ana Mae Barbosa (s/d) em seu texto “Arte, Educação e Cultura”, a utilização de obras de arte (sejam elas cinematográficas, literárias, plásticas, sonoras, etc.) em educação são um meio privilegiado de conhecimento cultural, deixando-nos conhecer quem

somos enquanto brasileiros:

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco (BARBOSA, s/d).

Assim, como nos deixa ver Barbosa na passagem anterior, os códigos europeus brancos, principalmente os eruditos, são os que sempre nos serviram de referência aqui no Brasil. Enquanto país em desenvolvimento, apesar de todos os avanços legais em relação à inclusão dos negros, indígenas e minorias nas universidades e em relação ao ensino obrigatório sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas, nossa sociedade ainda se baseia em padrões europeus e norte-americanos brancos.

Dando seguimento a este pensamento sobre as relações étnico-raciais no Brasil, utilizamos um filme dramático norte-americano intitulado “A cor púrpura”, de 1985, com direção de Steven Spielberg e baseado em um romance da escritora afro-americana Alice Walker. O filme trata da discriminação racial e sexual no sul pós-escravatura nos EUA. Os principais atores deste filme são figuras femininas e negras: Whoopi Goldberg (como Célie), Margaret Avery (como Shug Avery) e Akosua Busia (como Nettie).



Figura 2 – Imagem do filme “A cor púrpura”, de 1985.

Tal filme se passa no estado norte-americano da Geórgia, em 1906. Vale lembrar que a escravidão foi abolida nos EUA em 1863, através da Proclamação de Emancipação de Abraham

Lincoln, durante a Guerra Civil Americana, e que vários negros morreram nesta guerra. O filme retrata a separação, o amor de duas irmãs, o abuso contra a mulher negra, a amizade entre as mulheres, a discriminação contra negros, entre outros tópicos.

O importante para nosso trabalho era mostrar que a mulher negra, apesar de abolida a escravidão, ainda era maltratada, usada ao mesmo tempo como escrava e objeto sexual, submetida aos abusos masculinos do pai e de marido. A presença de Oprah Winfrey (como Sofia) no filme, uma grande defensora dos direitos das mulheres negras, reforça o caráter feminino desta produção cinematográfica. Os personagens masculinos do filme são apagados e desrespeitosos em oposição às personagens femininas. As mulheres do filme são doces, talentosas e trabalhadoras.

A partir das discussões em classe sobre o filme “A cor púrpura”, que emocionou os acadêmicos sobremaneira, passamos a mostrar imagens de algumas obras de Kara Walker. A importância do tema desenvolvido no filme tem conexão direta com os trabalhos de artes visuais da artista Kara Walker.

Kara Walker, artista plástica norte-americana, nascida em 1969, é uma afro-americana que explora em suas obras temas como gênero, raça, sexualidade, identidade e violência. Ela é bastante conhecida por suas obras de silhuetas recortadas em papel negro e coladas contra superfícies brancas, como um mural. Walker tem formação universitária em Artes e seu primeiro trabalho que chamou a atenção dos críticos foi o mural de 1994 intitulado “Gone, An Historical Romance of a Civil War as It Occurred Between the Dusky Thighs of One Young Negress and Her Heart.” (Idos, Um Romance Histórico da Guerra Civil como Ocorreu entre as Coisas Sombrias de Uma Jovem Negra e Seu Coração, tradução nossa).

Das obras de arte de Walker focamos em seus trabalhos com silhuetas negras para fomentar a discussão e a reflexão sobre as relações étnico-raciais. Tais obras são representações artísticas singulares de abusos aos negros e possíveis respostas imaginárias destes últimos. O jogo de imagens negras sobre fundo branco ajuda a mostrar as relações sociais díspares entre negros e brancos.

As imagens em preto e branco nos confrontam com o legado da violência contra os negros e nos fazem refletir sobre as condições sociais dos afrodescendentes nas Américas. É como se o mundo, durante o período da escravidão, se passasse sobre o fundo branco e onde os negros fossem somente manchas. Essa relação desigual de poder fica clara nas obras de silhuetas de

Walker.

Além disto, o contexto histórico e social a qual se referem as obras de Walker é visto como um período conturbado da história dos Estados Unidos. Ela traz à tona toda uma carga de memórias esquecidas e as reatualiza, fazendo com que as crueldades cometidas contra os negros não sejam esquecidas. Colocamos a seguir uma figura de uma das obras de Kara Walker utilizando a técnica dos recortes de silhuetas:



Figura 3 – Mural de Kara Walker intitulado “The Means to an End – A Shadow Drama in Five Acts”, de 1995. Traduzindo o nome da obra: Os Meios para o Fim – Um Drama de Sombras em Cinco Atos, tradução nossa.

A figura do trabalho de Walker mostra uma obra de 1995, intitulada “The Means to an End – A Shadow Drama in Five Acts” (Os Meios para o Fim – Um Drama de Sombras em Cinco Atos, tradução nossa). Notamos que Walker privilegia o discurso visual através do foco em corpos puramente negros, pela via da utilização de silhuetas, para descrever cenas de abuso. Os cinco atos descrição podem ser vistos na imagem²: 1- Um menino branco pendurado à teta de uma negra; 2- Uma menina branca sobre um animal; 3- Uma mulher branca pulando sobre cabeças de meninos negros; 4- Um negro que se afoga ou pede ajuda; e 5- uma menina negra sendo suspensa, pelo pescoço, pelo senhor branco.

As obras de Walker se utilizam das representações dos corpos negros e brancos recriados em silhuetas negras, como que dando uma visão, como em um sonho, através dos olhos e das mentes dos negros abusados. A distância moral da artista pode parecer chocante a alguns espectadores, porém é contundentemente forte enquanto discurso visual e se relaciona a várias

2 Esta interpretação dos atos visuais na figura são interpretações do autor deste trabalho.

outras obras artísticas, como é o caso do filme “A cor púrpura”.

Além disso, Walker se utiliza da representação do corpo como mecanismo de construção poética e crítica. Ela questiona a sociedade racista norte-americana e a falta de oportunidades para os negros nas sociedade antes escravocratas. O discurso confrontativo de Walker reflete verdades não-faladas, pouco discutidas e situações limites sobre gênero e a folclorização do sul norte-americano, área de predominância dos negros naquele país.

Ainda, a utilização do corpo enquanto instrumento de fundo discursivo é bastante utilizado em artes, desde as primeiras estatuetas encontradas, como a Vênus de Willendorf (uma estatueta paleolítica de cerca de 2000aC representando o corpo de uma mulher com volumosos seios, vulva e barriga).

A arte clássica estava cheia de corpos representados nas formas mais proporcionais possíveis. Assim como o corpo foi, e ainda o é, usado como suporte nas pinturas corporais indígenas e nas performances ocidentais.

O uso do corpo enquanto instrumento utilizado para passar uma mensagem artística não é algo novo, porém a contundência da utilização de representações de corpos negros nas obras de Kara Walker marca o ponto de partida para uma crítica de arte coerente com temas ligados às discussões sobre raça, sexualidade, gênero, identidade e violência.

Walker ainda trabalha, para além da técnica dos murais de silhuetas negras, com guaches, animações em vídeo, projeções de “lanterna-mágica”, entre outras técnicas. Seu trabalho é muito utilizado pelos intelectuais ligados ao feminismo, ao pós-colonialismo, aos direitos dos afrodescendentes, entre outros grupos.

Ainda, as obras de Walker remetem à contundência discursiva de Andy Warhol durante o período da Pop Arte norte-americano. Warhol criou uma série de trabalhos de cunho explicitamente erótico que chocou a sociedade puritana dos EUA, buscando um enfrentamento intelectual muito próximo ao que busca Walker.

Também, as obras de Walker nos levam inevitavelmente a uma análise pós-colonialista de suas obras e das situações de exclusão e segregação, como no caso da resposta tardia às populações afrodescendentes durante a catástrofe causada pelo furacão Katrina, em 2005, que atingiu em cheio a cidade de Nova Orleães. A artista criou a obra "After the Deluge" (Depois do Dilúvio, tradução nossa) em resposta ao descaso das autoridades em relação às populações negras e pobres atingidas pelo furacão.

Assim, Walker desvenda os meandros do racismo norte-americano através de suas obras, mostrando, de maneira criticamente clara, a insistência de que a quebra do antigo modelo colonial nunca foi completado.

Utilizamos aqui de um trecho da intelectual indiana Gayatri Spivak (1996) sobre o que se deseja com esse mecanismo de leitura do mundo pela via pós-colonial, mecanismo esse também utilizado por Kara Walker em suas silhuetas:

[...] desde que uma “leitura das contradições¹” tem que continuar estratégica, ela não pode nunca alegar ter estabelecido a verdade autoritativa de um texto, ela tem sempre que permanecer dependente de exigências práticas, nunca legitimadamente levando a uma ortodoxia teórica. No caso do grupo dos Estudos Subalternos, ela deveria tirar o grupo da perigosa esquina de pretensão de estabelecer o conhecimento verdadeiro do subalterno e sua consciência. (SPIVAK, 1996, p. 226, tradução nossa).

Continuando a pensar a partir das obras de Walker, através da via pós-colonialista, podemos considerar, ainda, que ela tenta desconstruir a imagem de democracia racial norte-americana utilizando-se, para isso, das discussões críticas em suas obras de artes visuais. Vale esclarecer que o termo “desconstrução” é um termo que foi cunhado pelo filósofo francês Jacques Derrida. Esse conceito trabalha com uma metodologia negativa e é largamente utilizado por vários intelectuais e pesquisadores do campo pós-colonialista. Nas palavras de Spivak (1996) “desconstrução” é:

Desconstrução não diz que não há sujeito, que não há verdade, que não há história. Ela simplesmente questiona os privilégios de identidade de alguém que acredita ter a verdade. Ela não é a exposição do erro. Ela está, constante e persistentemente, buscando como as verdades são produzidas. Daí o porquê que desconstrução não diz que logocentrismo é uma patologia, ou que fechamentos metafísicos são algo de que você pode escapar. Desconstrução, se alguém necessita uma fórmula, é, entre outras coisas, uma crítica persistente do que uma pessoa não pode não querer. (SPIVAK, 1996, p. 27-28, tradução nossa).

Assim sendo, as obras de Kara Walker, através da utilização de representações de corpos negros em situações perturbadoras que alicerçam seus trabalhos, fundamentados por uma análise pós-colonialista, nos deixa ver a importância do uso das obras de arte atuais na formação de uma visão crítica do mundo e, mais especialmente, das relações étnico-raciais desiguais aqui no Brasil e em várias partes do mundo.

1 A expressão que utiliza Spivak é “reading against the grain” e que não tem tradução literal para o Português, porém significa algo como tentar ler o texto através de suas contradições ideológicas, de seus conflitos discursivos e das relações entre os personagens, obras e espectadores.

As discussões levantadas pelos dois filmes e pelas silhuetas de Walker nos permitem trabalhar na direção de pedagogias escolares positivas de valorização das identidades afrodescendentes e de personagens que lutaram por uma escola (e um mundo) que valoriza as diferenças, a pluralidade dos sujeitos e a diversidade de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrindo espaço para problematizações acerca de questões étnico-raciais e sociais marcantes de nossa história, pudemos deixar ver que as aulas de arte-educação devem levantar questões críticas sobre o mundo em que vivemos através das mais variadas criações artísticas da humanidade.

Além disto, as relações de obras de arte visuais distintas nos permitem discutir questões de cunho teórico e crítico relacionadas a conceitos como raça, preconceito, discriminação, etc., entre outros importantes temas éticos que devem ser abordados no ambiente escolar.

De acordo com Jorge Luís Rodrigues dos Santos e Maria Elena Viana Souza (2014), há, ainda, uma necessidade gritante em valorizar a cultura afrobrasileira e as identidades negras dentro e fora do ambiente escolar brasileiro:

[...] é necessário desenvolver a construção de uma “identidade negra”, que permita realizar a valorização do “ser negro”; reconhecer afirmativamente a “negritude” também como um valor do qual se possa orgulhar; desconstruir as formas, através das quais o racismo estrutural, existente no Brasil, atingem a população negra e promover a adequada, igualitária e equânime inclusão do negro nos diferentes espaços e níveis da vida nacional, superando a persistente desigualdade histórica que atinge a esta população. (SANTOS; SOUZA, 2014, p. 186).

Neste sentido, as obras de Kara Walker nos abrem uma porta às situações de conhecimento para além das fronteiras brasileiras, discutindo questões atuais e que refletem não somente a realidade norte-americana, mas, também, nossa própria realidade. Usamos aqui uma passagem de Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006) para esclarecer que o conhecimento nos faz conhecedores de outras formas de ver o mundo e nos enriquece intelectual e eticamente:

[...] conhecer vai além da capacidade de enxergar ou de ouvir. Conhecer é compreender, é ser capaz de extrair de um objeto seus sentidos ou suas razões. Por isso, conhecer, longe de ser uma absorção passiva do repertório de alguém, exige do apreciador um repertório e um esforço de interpretação das formas simbólicas, para percebê-las como a expressão de outro sujeito e como uma mensagem a ser compreendida. (SCHLICHTA; TAVARES, 2006, p.7).

Além disso, as pedagogias de combate ao racismo e às discriminações deve ser uma constante nas escolas brasileiras. As escolas devem valorizar, em todos os momentos possíveis, os saberes e fazeres das culturas de matriz africana e indígena (conforma nos diz a LDB 9394/96), buscando, assim, através do conhecimento, desfazer uma mentalidade preconceituosa e discriminatória, superando o eurocentrismo institucionalizado e intensificando as análises críticas de nossos próprios espaços culturais.

Obras de arte que levantam temas éticos importantes, como as citadas neste texto, trabalham no espaço das diferenças. Estas obras mostram as bem ensaiadas oposições entre branco e negros e as desarticulam de forma artisticamente crítica e cuidadosa, deixando perceber as várias relações assimétricas de poder ainda existentes em nossa sociedade. Tais análises devem construir leituras positivas da diferença a partir das diferenças, fazendo com que os estudantes tenham uma visão benéfica em relação à diversidade de formas de vida, de pessoas e de mundos.

Para terminar, deixamos aqui uma passagem de pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) sobre os desafios da escola brasileira no sentido de valorizar a diversidade nacional:

[...] um dos desafios contemporâneos, entre vários outros enfrentados pela escola, tem sido a construção de uma educação que contribua de forma significativa para que aqueles que a constituem aprendam a respeitar as diferenças e conhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira. Desse modo, discutir e problematizar as relações étnico-raciais constitui uma das condições indispensáveis para as revisões conceituais e a superação de estereótipos e de preconceitos que têm gerado, não raras vezes, desigualdades nas escolas brasileiras. (COELHO; SOARES; PADINHA; 2012, p.8).

Portanto, formar pedagogos conscientes da importância de seu papel como orientadores reflexivos e críticos pode passar, também, pela análise instigante de obras de arte, onde a representação do corpo registra as marcas do passado e do presente e nos leva a refletir para além dos discursos escritos nos livros de história de educação escolar, desafiando-nos a provocar acontecimentos que produzam devires criticamente mais complexos, mais sensíveis e mais humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo, v.01, n.02, p. 59-64. jan./abr. 1995.

_____. **Arte, Educação e Cultura**. Domínio público. Sem data. Acesso em 29 out. 2016. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>>.

_____. Arte-Educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.

_____. Educação Artística. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

BRASIL, Assis. **Dicionário do conhecimento Estético**. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint S.A., 1984.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SOARES, Nicelma J. Brito; PADINHA, Maria do Socorro R. (org.). **Relações étnico-raciais e recursos didáticos**: a utilização da música como suporte didático para o enfrentamento da questão racial na Escola Básica. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NICOLAS, Isabella Souza (org.). **O cinema brasileiro no século XX**. Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos; SOUZA, Maria Elena Viana. De A(bdias) à Z(umbi): lembrando que nossa luta não começou agora, e nem termina aqui... IN: **Educação e relações étnico-raciais**: entre diálogos contemporâneos e políticas públicas. Organização Fernando César Ferreira Gouvêa; Luiz Fernandes de Oliveira; Sandra Regina Sales. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2014, pág. 165 a 188.

SCHLICHTA, Consuelo; TAVARES, Isis Moura. **Artes Visuais e Música**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **The Spivak reader**. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (ed.). New York: Routledge, 1996.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of looking**: an introduction to visual culture. New York: Oxford University Press, 2005.

REFERÊNCIAS VISUAIS

Filme **Carlota Joaquina, Princesa do Brasil**, de 1995, dirigido por Carla Camurati. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wk9ZE7C9P58>>.

Filme **The Color Purple**, de 1985, dirigido por Steven Spielberg, baseado no romance de Alice Walker. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uknT0QdiRww>>.

Mural **The Means to an End – A Shadow Drama in Five Acts**, de 1995, de Kara Walker. Disponível em: <<http://www.walkerart.org/collections/artworks/the-means-to-an-end-dot-dot-dot-a-shadow-drama-in-five-acts>>.